

Tá falando com quem? Estudo longitudinal sobre a intenção comunicativa veiculada pelas interrogativas na Fala Dirigida à Criança

Júlia Fonseca Camilo¹

Fernando Andrade Guimarães²

RESUMO:

Em muitas sociedades, adultos e crianças mais velhas modificam a fala quando se dirigem a bebês, ao conjunto de características semelhantes encontradas nesse tipo de fala dá-se o nome de Fala Dirigida à Criança (FDC). Entre os enunciados produzidos na FDC, as perguntas aparecem de forma relevante. Neste artigo, buscamos investigar, a partir de um estudo longitudinal, qual seria a intenção comunicativa veiculada através do alto índice de interrogativas direcionadas a crianças em fase inicial da aquisição do Português Brasileiro. Para isso, foram analisadas gravações de interações entre os pais e o bebê, Bibó, distribuídas entre seus 4 e 12 meses de vida. Dos 462 enunciados presentes nos 71 áudios analisados, foram encontradas 174 interrogativas, as quais foram classificadas de acordo com a intenção comunicativa: retóricas, semirretóricas e plenas. A análise dos dados revelou que as perguntas corresponderam a 37,6% dos enunciados. Quanto à incidência de cada tipo de pergunta ao longo do período, as retóricas predominaram entre os 4 e os 6 meses de vida do bebê (72%), dando lugar paulatinamente às semirretóricas, que corresponderam a 80% do total de perguntas aos 7-8 meses; nos meses finais do primeiro ano de vida, as perguntas plenas foram mais presentes e, junto com as semirretóricas, totalizaram 91% aos 12 meses. Os resultados apontam o uso das perguntas pelos adultos, inicialmente, para engajar o bebê na cena comunicativa, passando a ter função de verificar seu entendimento sobre situações cotidianas e de obter informações explícitas, conforme o bebê cresce.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da linguagem. Fala Dirigida à Criança. Interrogativas. Português brasileiro.

¹Licencianda em Letras/Inglês pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: juliafonsecaufjf@gmail.com

²Licenciando em Letras/Português/Italiano pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: andrade.fernando@estudante.ufjf.br

1. INTRODUÇÃO

Em muitas sociedades é notório que adultos e crianças mais velhas modificam a fala quando se dirigem a bebês. Esse modo de fala pode adquirir diversas nomenclaturas sendo as mais comuns no português brasileiro (PB) o Manhês (CAVALCANTE, 1999), o Maternalês (DADALTO; GOLDFELD, 2006) e a Fala Dirigida à Criança (de agora em diante, FDC)³ (MATSUOKA; NAME, 2009; BARBOSA; CARDOSO-MARTINS, 2014; NAME E SOSA, 2020). Com base em estudos realizados em diversas línguas tais como o inglês, o russo, o japonês, o comanche e o xhosa (FERNALD, 1992, apud NAME E SOSA, 2022), assim como o PB, há um consenso nas literaturas de que as comunidades linguísticas que fazem uso da FDC apresentam características semelhantes nesse registro de fala.

Até o momento, muitos estudos se direcionaram para a prosódia da FDC. Nesse sentido, são particularidades observadas da FDC, em comparação com os padrões de fala entre adultos, as pausas longas, as variações de *pitch*, as variações entoacionais mais proeminentes, o tom mais alto da voz, a entonação de voz exagerada, dentre outras (SAINT-GEORGES et al., 2013; PESSOA; MOURA., 2008) características as quais podem ser facilitadoras do processo de aquisição. Para além da prosódia, outro aspecto também explorado de forma consistente são os fenômenos morfofonológicos, tais como diminutivo e aumentativo, reduplicação de sílabas, truncamento e simplificação (FERREIRA; BAIA; PACHECO, 2017).

Entre os enunciados produzidos na FDC, as perguntas aparecem de forma substancialmente relevante (NEWPORT, 1977; GEFFEN; MINTZ, 2017). Contudo, não são o foco em grande parte dos trabalhos, como, por exemplo, em Barbosa (2013) e Cardoso-Martins (1984), trabalhos que tratam da FDC no PB, mas, somente tangenciam as interrogativas em suas análises. Portanto, mesmo representando cerca de 40% das enunciações (NEWPORT, 1977) na FDC, elas, ainda, são pouco estudadas (NAME; SOSA, 2020).

Em estudo de 1973 em que foram observadas dezoito díades mãe-bebê, Nelson (1973) identificou dois estilos de interação entre as díades: o estilo diretivo no qual predominam as referências ao comportamento da criança (como, por exemplo, os

³Escolhemos utilizar o termo FDC na construção deste artigo por se adequar mais ao nosso referencial teórico.

comandos e as reprovações) e o estilo referencial, que tem como características principais a nomeação de objetos e a utilização constante de perguntas. Nesse sentido, Nelson (1973) realçou a predominância do estilo referencial na FDC, assim como identificou um crescimento vocabular maior nas crianças expostas mais frequentemente a esse estilo. Ainda, Cardoso-Martins (1984, também, ressaltou a frequente exposição do infante aos enunciados do estilo referencial como positivos no processo de aquisição.

Barbosa (2013) sugere que, enquanto os imperativos se relacionam de forma negativa com a aquisição do vocabulário da criança, as perguntas seguem o caminho contrário, ou seja, relacionam-se de forma positiva com a aquisição. De acordo com a hipótese da autora, a estrutura fixa das interrogativas auxilia a criança na descoberta de classes gramaticais. Name e Sosa (2020) também destacam a significativa participação das perguntas na aquisição da linguagem. Por meio de seu trabalho com foco na prosódia do PB, eles afirmam que “o uso de interrogativas dirigidas a bebês, a nosso ver, também poderia facilitar o aprendizado de uma importante habilidade, que é a troca de turnos (*turn-taking*), vinculando o desenvolvimento cognitivo do bebê à interação social.” (NAME; SOSA, 2020, p.74).

As perguntas direcionadas aos bebês surgem como um tema atraente para investigação por apresentarem características inquisitivas a ouvintes que, ainda, não teriam condições de respondê-las. Desse modo, considerando as condições de felicidade do ato de fala (AUSTIN, 1962; SEARLE, 1969), todos os locutores envolvidos na interação devem estar aptos para a comunicação preterida. Portanto, qual seria a intenção comunicativa veiculada por tão alto índice de perguntas na FDC?

A partir de um estudo de caso longitudinal, o presente trabalho se propõe a olhar para um campo da FDC ainda não muito explorado. Assim como Name e Sosa (2020;2022) destaca-se a predominância das perguntas na FDC do PB e, nesse sentido, busca-se responder às seguintes questões: Quais seriam as motivações que guiam os pais a proferirem as interrogativas mesmo sabendo que, provavelmente, não haverá uma resposta? Haveria uma mudança na intenção comunicativa conforme o bebê cresce?

A próxima seção “Panorama das Interrogativas na Fala Dirigida à Criança” apresenta resumidamente a literatura a respeito da FDC e olha para os enfoques teóricos dos trabalhos produzidos até então. Na seção subsequente, são feitas algumas considerações sobre as interrogativas, explicitando, principalmente, a classificação das

perguntas em relação às intenções comunicativas veiculadas por elas. Na quarta seção, apresentamos a metodologia e o processo de coleta de dados de interações entre um bebê e seus pais durante 8 meses. Em seguida, destacamos os resultados e propomos uma discussão sobre eles. Para terminar, retomamos, na conclusão, os pontos mais relevantes de nosso estudo e apontamos nosso parecer sobre as questões investigadas.

2. A FALA DIRIGIDA À CRIANÇA

Pine (1994) apresenta a ideia de que o cuidador em sua interação com a criança empregaria aspectos prosódicos e morfofonológicos característicos da FDC com o intuito de manter a interação. Sokolov e Snow (1994, apud PESSOA; MOURA., 2008) indicam que, para além dos aspectos semânticos e sintáticos da fala materna, é importante analisar os aspectos pragmáticos da língua nos estudos sobre aquisição. Levando-se em conta a maneira como o falante escolhe se comunicar com o bebê, isto é, qual a sua intenção comunicativa na interação em FDC.

Fernald e O'Neill (1993) trabalham com uma análise sobre os jogos interativos entre mãe-bebê, principalmente, o “cadê? achou!”, ou, como denominado pela autora *the peekaboo game* (FERNALD; O'NEILL, 1993). Nesse contexto, essas autoras procuram um padrão nas vocalizações do jogo, por ser uma forma de interação prototípica entre mãe-bebê presente em diversas línguas. Quando olha para o desenvolvimento deste jogo durante o primeiro ano de vida, as autoras percebem que a principal evolução do contexto é a participação ativa da criança, que a partir dos 8 meses passa a interagir de forma mais dinâmica.

Segundo referidas as pesquisadoras, as mães de bebês com 4 meses de idade priorizam jogos que atraiam a atenção da criança e que a estimulem fisicamente à medida que cresce; já aos 8 meses, os infantes demonstram preferência por jogos motores que podem ser iniciados e mantidos pelo próprio. Essa escolha sugere que as interações entre o bebê e o adulto ganham mais complexidade conforme a idade da criança avança, ou seja, conforme ela cresce, mais ativa se torna no processo interacional.

Fernald e O'Neill (1993) observaram quatro estágios na FDC os quais corroboram a afirmativa de que as interações entre infante-adulto se desenvolvem junto com o crescimento da criança. Em síntese, nos primeiros meses de vida a interação se baseia em apenas tentativas para chamar a atenção do infante por meio de um estímulo auditivo que o bebê pode vir a produzir uma reação. Em uma faixa etária mais avançada do bebê, as interações por meio da FDC consistem em uma busca mais ativa por uma resposta do infante ao estímulo e uma expressão emocional mais clara por parte do adulto que, nesse momento, comunica de forma mais expressiva seus sentimentos e intenções. O último estágio se dá quando a criança já é ativa na interação e começa a entender o significado das palavras.

Pessoa e Moura (2008) ao olharem para 40 díades mãe-bebê, em dois momentos do desenvolvimento do infante, 5 e 20 meses de vida, perceberam que a fala dirigida à criança parece se ajustar às características do bebê. De acordo com essas autoras:

A consequência da predominância da função fática⁴ manifesta-se na conduta da mãe de tentar adequar sua fala e seus gestos a algum tipo de denominador comum com o bebê, a fim de estabelecer mais facilmente algum tipo de comunicação. Isso pode ser percebido desde etapas iniciais do desenvolvimento, como no caso desse estudo que analisou bebês com cinco e vinte meses. (PESSOA; MOURA, 2008, p.93)

Assim como Fernald (1991), Pessoa e Moura (2008) apontam, dessa vez de maneira sociopragmática, que a fala dos cuidadores parece se relacionar diretamente com o nível de desenvolvimento cognitivo e social dos infantes, defendendo que o progresso da criança se vincularia necessariamente aos processos biossociais.

Olhando diretamente para as perguntas no PB, Name e Sosa (2022) buscam, a partir de um *corpus* de análise composto por bebês entre 4 e 12 meses de idade, identificar os traços prosódicos presentes na FDC e identificar as intenções comunicativas presentes nas perguntas. Os referidos autores apontam que as perguntas caminham ao lado da idade do bebê, ou seja, conforme o infante avança nos meses de vida, as perguntas passam de um caráter de estímulo da criança à cena comunicativa para uma verificação do entendimento do infante do enunciado produzido.

Todos os autores supracitados caminham para a mesma conclusão, a de que a interação com a criança evolui de acordo com seu crescimento. Apesar disso, à exceção

⁴Uma das seis funções da linguagem propostas pelo linguista Roman Jakobson (1974), a qual tem como objetivo estabelecer, prolongar, interromper ou verificar a comunicação entre as partes envolvidas. Segundo o autor, esta seria a primeira função da linguagem adquirida pelo ser humano.

de Name e Sosa (2022), os demais trabalhos focalizam outras estruturas que não as interrogativas e abrangem faixas etárias para além do primeiro ano de vida. Além disso, até onde vai o nosso conhecimento, nenhum estudo abarcou a evolução da intenção comunicativa das interrogativas dirigidas ao bebê durante um período contínuo, acompanhando as díades entre adulto(s) e um mesmo bebê ao longo de seu primeiro ano de vida. Por esse motivo, o presente estudo busca diminuir essa lacuna, e, a partir de um estudo de caso longitudinal, olhar para a mudança da intenção comunicativa das interrogativas na FDC, durante a interação de adultos com um bebê em seu primeiro ano de vida (4 a 12 meses). Tal escolha se justifica por este ser o período em que as interações passam de uma busca por atenção, para um foco no engajamento.

3. CARACTERIZAÇÃO DAS INTERROGATIVAS

Segundo a perspectiva dos atos de fala, proposta por Searle (1969), as perguntas são classificadas como atos diretivos, assim como as ordens e os pedidos, e a prosódia tem um papel importante na distinção entre os três grupos. As perguntas são chamadas de atos diretivos de informação e podem ser divididas em dois outros grupos: as perguntas de resposta sim/não (também chamadas de polares), que partem de uma informação já contida no enunciado e as perguntas em que a resposta é uma informação nova, o que chamamos em nossa pesquisa de perguntas Qu- (FARIA et al., 1996).

Sobre as classificações das intenções comunicativas das interrogativas, não é muito fácil encontrar um consenso quanto a elas nas literaturas. Por esse motivo, baseamos nossa classificação em Silva e Santos (2015) e Braun et al. (2018). De forma similar, os autores classificam as interrogativas em plenas e retóricas. As perguntas plenas são aquelas utilizadas quando o emissor busca uma nova informação do destinatário, ou seja, a partir delas o interlocutor espera uma resposta verbal a qual muitas vezes é induzida pela situação interacional (SILVA; SANTOS, 2015; BRAUN et al., 2018). Por outro lado, as perguntas retóricas têm uma função meramente discursiva e não buscam uma resposta do interlocutor. Nesse sentido, elas são produzidas em

contextos nos quais o emissor já sabe a resposta (SILVA; SANTOS, 2015; BRAUN et al., 2018). Braun et al. (2018) sugerem, então, que as retóricas são realizadas quando o interlocutor deseja buscar o engajamento do ouvinte à proposição da interrogativa.

Silva e Santos (2015), ainda, propõem uma classificação intermediária, a pergunta semirretórica. Essa classificação se refere às interrogativas que têm como característica um enfraquecimento semântico em relação às perguntas plenas por se tratarem de uma forma interrogativa em que o mesmo falante formula e responde a pergunta.

Como já referido, as perguntas são enunciados presentes de forma considerável na Fala Dirigida à Criança, por volta de 40% (NEWPORT,1977). Dessa forma, nosso estudo focaliza as interrogativas produzidas na FDC no PB e busca analisá-las a partir das classificações das intenções comunicativas apresentadas por Silva e Santos (2015) e Braun et al. (2018), já explicitadas anteriormente, adaptando-as para o contexto de interação adulto-bebê (cf. NAME; SOSA, 2020).

4. METODOLOGIA⁵

4.1 PARTICIPANTES E COLETA DE DADOS

O corpus analisado, neste estudo de caso, é constituído por enunciados produzidos por dois adultos, pai e mãe, com seu bebê, Bibó, entre 4 e 12 meses de idade. Os pais são falantes nativos do PB e foram recrutados por meio da divulgação da pesquisa em canais de mídia social. Os pais foram orientados a gravar, em vídeo ou áudio, situações cotidianas de sua escolha. Importante ressaltar que os pesquisadores não participaram de nenhum momento das gravações e não foi requerida uma quantidade prévia de vídeos, ou seja, não houve limite máximo ou mínimo de gravações exigidas.

Foram analisadas 71 gravações em vídeo, realizadas por meio do celular (*smartphone*) da mãe da criança, que totalizaram 37 minutos e 25 segundos. Contabilizamos um total de 462 enunciados, excluindo-se somente cantos, onomatopéias e diálogos entre os adultos não direcionados à criança.

⁵O projeto de pesquisa do qual faz parte este estudo teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa/ UFJF (CAAE: 28142820.5.0000.5147). O verdadeiro nome da criança foi trocado por um nome fictício de modo a preservar sua identidade, assim como a de seus familiares.

4.2 TRATAMENTO E CRITÉRIOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Os áudios e vídeos recebidos passaram, primeiramente, por um processo de conversão de MP4 para WAV. Inicialmente, foi feita uma segmentação dos áudios utilizando o software de análise de fala, *Praat* (BOERSMA; WEENINK, 2001). Com os áudios já segmentados, realizou-se uma análise quantitativa dos enunciados produzidos. Após essa etapa, realizou-se a análise qualitativa conforme alguns dos critérios apresentados por Name e Sosa (2020):

- Estrutura sintática: (1) classificação entre interrogativas e outras construções (declarativas, imperativas, exclamativas, vocativas, reprovações, saudações e nomeações.);
- Atos de Fala: classificação entre os atos diretivos de perguntas, ordens e pedidos;
- Intenção comunicativa: classificação entre perguntas (SILVA; SANTOS, 2015; BRAUN et al., 2018):
 - Retóricas - O adulto não busca informações novas, apenas tenta engajar o bebê na cena comunicativa.
Exemplo: "Tá balançando a cadeirinha?" (4 meses)
 - Semirretórica - O adulto ainda não busca informações novas, mas para além do engajamento, ele busca a compreensão da cena pelo bebê.
Exemplo: "Como que o carro faz, Bibó?" (8 meses)
 - Plena - O adulto busca informações novas e algum tipo de resposta, verbal ou não verbal, do bebê.
Exemplo: "Tá falando com quem?" (11 meses)

Por fim, os dados foram quantificados e examinados de forma estatística, em termos percentuais.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O total de enunciados recolhidos é de 462, dos quais 174 são interrogativos, representando 37,6% dos enunciados totais. Em primeira análise, vê-se que o percentual de perguntas com relação ao total de enunciados é próximo aos 40% apontados em Newport (1977). Dentro do primeiro ano de Bibó, é possível perceber que não há um padrão na ocorrência das interrogativas, já que pode se observar que os 4, 8 e 9 meses apresentam percentuais de perguntas mais baixos, enquanto nos demais meses a proporção ultrapassa os 40%.

Nesse caso, nossos dados não apontam para uma relação direta entre o percentual de interrogativas e o mês de vida da criança. Apesar disso, na maioria dos meses as perguntas se aproximam do valor percentual reportado na literatura, como se pode observar na tabela 1.

Tabela 1: Valores totais e percentuais de perguntas por mês

Idade / Estr. Sintática	4 m	5 m	6 m	7 m	8 m	9 m	10 m	11 m	Total de enunciados
Perguntas	8	24	35	8	23	19	23	33	174
Não Perg.	31	27	30	10	58	61	28	43	288
Total	39	51	65	18	81	80	51	76	462
Perg./Total	20,5%	47,1%	53,8%	44,4%	28,4%	23,7%	45,1%	43,4%	37,6%

Fonte: Elaborado pelos autores

Atentando-se aos atos de fala diretivos (SEARLE, 1969), encontramos um total de 59 ordens e 28 pedidos que, somados, representam 16,6% do total de enunciados endereçados à Bibó. Os três atos diretivos - perguntas, ordens e pedidos - somados constituem mais da metade do corpus do bebê, totalizando 251 enunciados (54% do total). Apesar disso, as ordens e pedidos se apresentaram em um valor

consideravelmente reduzido se comparados às perguntas que, dentre os atos diretivos, representam 69,9%.

Desse modo, enquanto as perguntas se apresentam em contextos mais variados, as ordens surgem em situações mais relacionadas à gravação do vídeo. Isso ocorre no vídeo de número 33, no qual a mãe deseja que Bibó, aqui com 5 meses, balbucie a onomatopeia “dadá”, para isso diz “Fala dadá”, entende-se aqui que a mãe apenas o ordena para gerar uma situação que se relaciona ao fato de o momento estar sendo gravado. Algo diverso ocorre quando nos referimos às perguntas, por exemplo, no vídeo de número 70, Bibó, nesse momento com 11 meses, aparenta esconder algo da mãe embaixo da cama. As perguntas, aqui, aparecem relacionadas ao objeto que ele esconde e a maneiras de checar se o enunciado está sendo compreendido, como nos exemplos “O que que tem aí?” e “Tá fazendo mamãe de boba?”, respectivamente.

Vale ressaltar que, dentro da categoria “outros” encontram-se, por exemplo, as exclamativas, que, em nossos dados, contrariam as expectativas do senso comum de uso, pelos adultos, de enunciados majoritariamente com teor exclamativo em interação com o bebê, pois, elas não chegam a representar 20% do total de enunciados. Enquanto isso, os atos diretivos representam um número expressivo de enunciações e dentre eles as perguntas se mostraram notadamente predominantes nas interações adulto(s)-bebê analisadas, como é possível notar na Tabela 2.

Tabela 2: Diretivos e outros enunciados

Estrutura sintática	Total
Pergunta	174(37,6%)

Ordem	59(12,7%)
Pedido	18(3,8%)
Outros	211 (45,6%)
Total	462

Fonte: Elaborado pelos autores

Focalizando a intenção comunicativa das interrogativas coletadas, encontrou-se uma predominância das perguntas semirretóricas, que representaram um total de 78 enunciados (44,8% do total), seguidas das perguntas retóricas, com um total de 67 ocorrências (38,5%) e os menores dados tendo sido os das perguntas plenas, 29 das 174 interrogativas do corpus (16,6%).

É interessante pensar que as perguntas plenas que, por definição, requerem uma resposta – verbal ou não – do infante, são a minoria. Isso mostra que os pais optam pelas perguntas mais no intuito de manter a criança engajada na cena comunicativa do que na busca por uma resposta, o que de certo modo justifica o alto percentual de retóricas dentre as interrogativas.

A predominância das semirretóricas pode advir do fato de muitas vezes os pais buscarem objetos e situações relacionados à cena para verificar se a criança entende os enunciados. Por exemplo, no vídeo de número 68, gravado aos 11 meses da criança, Bibó está brincando de se esconder atrás de uma cortina e a mãe pergunta “Cadê o Bibó?”. A pergunta poderia ser entendida como retórica já que ela vê onde o infante está. Contudo, no contexto, cada vez que a mãe pergunta “Cadê o Bibó?”, o bebê sai de trás da cortina e logo após se esconde mais uma vez. Por esse motivo, podemos entender que a mãe não estava apenas tentando engajar o infante na cena comunicativa, mas buscava, também, verificar se ele entendia o enunciado produzido.

Tabela 3: Interrogativas de acordo com a intenção comunicativa/gênero

Gênero /Pergunta	Total dos enunciados
Retórica	67(38,5%)
Semirretórica	78(44,8%)
Plena	29(16,6%)
Total	174

Fonte: Elaborado pelos autores

Diferentemente de estudos anteriores como os de Name e Sosa (2020, 2022), que focalizaram diferentes crianças em diferentes faixas etárias, nosso estudo é longitudinal, acompanhando um bebê dos 4 até o final de seus 11 meses. Essa escolha metodológica nos permite verificar certos tipos de informação, como a progressão das intenções comunicativas no primeiro ano de vida.

Como é possível observar na tabela 4, as perguntas retóricas predominam entre os 4 e 6 meses de Bibó, constituindo 72% das interrogativas nesse período. Este número decresce no sétimo e no oitavo mês de vida da criança, nos quais as perguntas semirretóricas ocupam lugar de destaque, já que representam 80% do total de interrogativas nesse espaço de tempo. Apesar do fator decrescente, as perguntas retóricas continuam muito recorrentes, representando 19% das interrogativas nestes dois meses, enquanto as perguntas plenas nem sequer aparecem.

O cenário muda aos nove meses do bebê, quando perguntas retóricas e perguntas plenas se encontram com 4 enunciados cada (21%). Ainda assim, mantém-se a predominância de semirretóricas, que apesar de terem uma grande diminuição de ocorrências, compõem 57,8% do total do mês supracitado, ou seja, são maioria desse mês. A partir do momento em que as perguntas plenas aparecem, elas vão se tornando mais e mais expressivas em relação às outras intenções comunicativas, representando no décimo mês quase 80% dos enunciados. No último mês, as perguntas semirretóricas representaram 69,6% das intenções comunicativas, mas ainda assim, seguida das perguntas plenas com 21,2%. Esse cenário do último mês não exclui uma progressão

claramente observável. É importante ressaltar que, somadas, as perguntas semirretóricas e plenas correspondem a 91% das interrogativas deste mês.

Tabela 4: Tipo de perguntas por mês

Tipo de perguntas	4 m	5 m	6 m	7 m	8 m	9 m	10 m	11 m	Total
Retórica	6 (7,5%)	1 (6,4%)	27 (77,1%)	1 (2,5%)	5 (21,7%)	4 (21,0%)	5 (21,7%)	3 (9,0%)	67 (38,5%)
Semirretórica	1 (12,5%)	9 (36%)	8 (22,8%)	7 (8,5%)	18 (78,2%)	11 (57,8%)	1 (4,3%)	23 (69,6%)	78 (44,8%)
Plena	1 (12,5%)	0	0	0	0	4 (21%)	17 (73,9%)	7 (21,2%)	29 (16,6%)
Total	8	25	35	8	23	19	23	33	174

Fonte: Elaborado pelos autores

Ao compararmos com o estudo de Name e Sosa (2022), que também busca olhar para a intenção comunicativa, porém com um grupo de bebês de diferentes faixas etárias, em outras palavras, sem uma faixa etária com dados lineares do mesmo infante, podemos encontrar semelhanças. Os autores apontam um número maior de perguntas retóricas nos bebês de 4 até os 6 meses, o que também foi percebido nos dados de Bibó. Além disso, também se encontram semelhanças entre a predominância das

semirretóricas principalmente nas interações com bebês aos 8 e 9 meses, assim como uma presença consideravelmente maior de plenas produzidas por adultos interagindo com bebês de 10 e 11 meses.

Desse modo, sugere-se que a intenção comunicativa das interrogativas apresenta certa progressão conforme o bebê cresce. Assim, os pais podem preferir as perguntas retóricas nos meses iniciais para sustentar o ato comunicativo e, de alguma forma, engajar o bebê na cena buscando sua atenção. Conforme o bebê se desenvolve, situações nas quais seja possível verificar o entendimento da criança ganham um pouco mais de atenção na interação, por esse motivo o número de perguntas semirretóricas cresce. Por fim, a medida que a criança apresenta mais reações e um entendimento maior dos enunciados, os adultos optam pela produção de perguntas plenas, ou seja, buscam da criança respostas claras, verbais ou não verbais e com novas informações.

6. CONCLUSÃO

A fala dirigida à criança, registro que é comum em diversas línguas naturais, pode ser um facilitador da aquisição da linguagem pelos bebês. Diversos pesquisadores têm focalizado a FDC em busca de evidências que corroborem esta hipótese. Segundo Pine, em estudo de 1994, a FDC seria uma tentativa dos falantes adultos de se comunicarem com os bebês que, ainda, não produzem enunciados verbais. Pessoa e Moura (2008) seguem nesta linha de pensamento adicionando que a construção das estruturas na FDC busca ir ao encontro do desenvolvimento cognitivo da criança.

Seguindo esta perspectiva, Fernald e O'Neill (1993) a partir do *thepeekaboo game* e Name e Sosa (2020, 2022), olhando para as interrogativas, percebem de maneira semelhante que, conforme o bebê cresce as intenções dos cuidadores, as relações e as interações com os infantes se modificam. Nesse sentido, observa-se que as interações passam de uma busca por atenção do infante à cena, nos primeiros meses, para uma busca ativa por respostas ou engajamento do bebê no cenário comunicativo.

Nesse contexto, as perguntas ganham um caráter intrigante. Isso ocorre porque elas são enunciadas que aparecem em significativa quantidade na FDC, mesmo que, principalmente em seus primeiros meses de vida, as crianças não sejam capazes de responder. No entanto, a partir delas é possível indicar como as interações entre adulto-bebê ganham complexidade no desenvolvimento do infante. Por esse motivo, objetivou-se olhar para a mudança relativa à intenção comunicativa das interrogativas dentro da FDC em um período contínuo relacionado ao mesmo bebê. Desse modo, foram respondidos os seguintes questionamentos:

Qual seria a intenção comunicativa veiculada por tão alto índice de perguntas na FDC?

As perguntas retóricas são maioria dos 4 aos 6 meses de vida (72%); as semirretóricas são predominantes dos 7 aos 9 meses (72%), e, ainda aos 11 meses (69,6%); as perguntas plenas são maioria aos 10 (73,9%) e, também, são parte relevante aos 11 meses (21,2%). Em quantidades totais, as perguntas semirretóricas representam 44,8% das interrogativas presentes no corpus de Bibó.

Partindo dos dados encontrados e dos estudos supramencionados, acreditamos que as perguntas sejam utilizadas como uma forma de comunicação privilegiada com a criança, ainda em fase de produção não verbal. A partir deste estímulo se espera que o infante, no início de sua vida, engaje-se na cena comunicativa, por meio do foco de atenção. Em seguida, conforme a bebê cresce e suas habilidades cognitivas se desenvolvem, as perguntas mudam de intenção procurando, então, verificar a compreensão da criança em relação ao enunciado e ao momento de interação. Ao fim do primeiro ano, verificamos que as perguntas são voltadas para a busca de informação e resposta do bebê, verbal ou não verbal.

Nossos resultados são compatíveis com os trabalhos de pesquisadores anteriores e nos levam à segunda pergunta formulada por este trabalho:

Há uma mudança aparente na intenção comunicativa conforme o bebê cresce?

Sim. Como é possível notar, dos 4 até os 6 meses vê-se uma preferência pelas perguntas retóricas, que buscam “apenas” o engajamento do infante na cena. Nos meses intermediários e finais do primeiro ano, as perguntas semirretóricas ganham grande destaque, já que, a partir delas, infere-se que o bebê compreende o enunciado e a cena comunicativa. Nessa perspectiva, nos meses finais, as perguntas plenas já são preferência dos adultos, pois, eles buscam uma nova informação a partir do enunciado. Esses fatores, portanto, podem apontar para um deslocamento da interação comunicativa presente na comunicação entre adulto-bebê dentro do primeiro ano de vida.

Quais seriam as motivações que guiam os pais a proferirem as interrogativas mesmo sabendo que, provavelmente, não haverá uma resposta?

Como já mencionado, não há apenas uma motivação que guia as interrogativas dentro da FDC no primeiro ano de vida, os cuidadores parecem partir do princípio de que devem, como apontam Pessoa e Moura (2008), chegar a um denominador comunicativo comum com a criança. Por esse motivo, as intenções ocorrem em um formato progressivo, a fim de acompanhar o desenvolvimento do bebê.

Assim, os pais optam por artifícios de engajamento do infante na cena comunicativa. As perguntas funcionam como uma forma de engajar a criança na comunicação, assim como, o *thepeekaboo game* analisado por Fernald e O’Neill (1993). Nesse sentido, conforme indicado pela autora, os jogos se modificam conforme a criança se torna mais ativa no processo comunicativo. Esse mesmo movimento ocorre com as perguntas, conforme os bebês participam mais ativamente da interação, os pais optam por perguntas que os estimulem mais na cena comunicativa.

Os resultados de nossa pesquisa, portanto, apontam para as interrogativas como enunciados importantes dentro da interação adulto-bebê através da FDC e as entendem como uma forma de engajar a criança no processo comunicativo. Desse modo, como apontado na discussão, elas refletem intenções diferentes a partir do contexto comunicativo e, também, a partir da forma que a criança interage com ela.

Por esse motivo, mais estudos que canalizem linearmente (cronologicamente) nos dados de interação de um mesmo infante podem contribuir para o avanço do entendimento sobre os fatores que participam da aquisição da linguagem.

Destacamos, portanto, que este estudo aponta para movimentos também observados por estudos anteriores, que, diferentemente deste, abordaram um grupo de bebês com faixas etárias diferentes. Dessa forma, assim como Name e Sosa (2022), que observaram a mudança gradual na intenção comunicativa em um grupo de 5 crianças em diferentes meses de idade, aqui, também foi possível, por meio da observação de um período contínuo de um infante perceber o mesmo movimento.

7. NOTA DE AGRADECIMENTO

Gostaríamos de, em primeiro lugar, agradecer a disponibilidade da família de Bibó em ceder seu tempo para gravar os vídeos durante os 8 meses nos quais coletamos os dados. Ainda, agradecemos a Cristina Name e Juan Sosa pela orientação durante toda a pesquisa e construção deste artigo.

Who are you talking to? A longitudinal study on the communicative intention conveyed by questions in Infant Directed Speech

ABSTRACT:

In many societies, adults and older children modify their speech when addressing babies, a register called Infant Directed Speech (IDS). Among the utterances produced in the IDS, questions appear in a relevant way. In this article, we seek to investigate, from a longitudinal study, what would be the communicative intention conveyed through the high index of questions directed to infants in the initial phase of the acquisition of Brazilian Portuguese. For this purpose, recordings of interactions between parents and the baby, Bibo, distributed between 4 and 12 months of age, were analyzed. Of the 462 utterances present in the 71 audios analyzed, 174 interrogatives were found, which were classified according to the communicative intention: rhetorical, semirhetorical and information-seeking questions. Data analysis revealed that the questions corresponded to 37.6% of the utterances. As for the incidence of each type of question throughout the period, rhetorical prevailed between 4 and 6 months of the baby's life (72%), gradually changing to the semirhetorical, which corresponded to 80% of the total questions at 7 and 8 months; in the final months of the first year of life, the ISQs were more present and, along with the semirhetorical, summed 91% at 12 months. The results indicate the use of the questions by adults, initially, to engage the baby in the communicative scene, later having the function of verifying his understanding of everyday situations and of obtaining explicit information as the baby grows.

KEYWORDS: Language acquisition. Child directed speech. Interrogatives. Brazilian Portuguese.

REFERÊNCIAS:

AUSTIN, J. **How to do things with words**. Londres: Oxford University Press, 1962. 168p.

BARBOSA, P. G. Características da fala materna e suas implicações para a aquisição inicial do vocabulário. 2013. 72f. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

BARBOSA, P. G.; CARDOSO-MARTINS, C. Uma revisão dos estudos sobre a fala dirigida à criança e suas implicações para a aquisição do vocabulário. **Linguagem em (Dis)curso**, V.14, n.1, p.195-210, 2014.

BOERSMA, P.; WWENINK, D. Praat: doing phonetics by computer. In: P, Boersma; D, Weenink. **Praat: doing phonetics by computer**. Amsterdam, 2019. Disponível em: <https://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. Acesso em: 15 set. 2021.

BRAUN, B., DEHÉ, N.; NEITSCH, J.; WOCHNER, D.; ZAHNER, K. The prosody of rhetorical and information-seeking questions in German. **Language and Speech**, v. 62, n. 4, p. 779-807, 2018.

CARDOSO-MARTINS, C. **Early vocabulary acquisition by down syndrome children**: The roles of cognitive development and maternal language input. 1984. 552 f. PhD Dissertation. University of Illinois, Urbana-Champaign, United States, 1984.

CAVALCANTE, M. C. B. **Da voz à língua**: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê. 1999. 239f. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

DADALTO, E.; GOLDFELD, M. Características do maternalês em duas crianças de idades distintas. **Distúrbios da Comunicação**, v. 18, n. 2, p. 201-208, 2006.

FARIA, I. H.; PEDRO, E. R.; DUARTE, I.; GOUVEIA, C. A. M. (Orgs.). **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**, Lisboa: Caminho, 1996.

FERNALD, A. Prosody in speech to children: prelinguistic and linguistic functions. **Annals of child development**, v. 8, p. 43-80, 1991.

FERNALD, A.; O'NEILL, D. K. Peekaboo across Cultures: How Mothers and Infants Play with Voices, Faces, and Expectations. In: MACDONALD, Kevin (ed.). **Parent-Child Play: Descriptions and Implications**. Albany: State University of New York Press, 1993. cap. 10, p. 259-285.

FERREIRA, G. D.; BAIA, M. F.; PACHECO, V. O funcionamento do maternalês/paternalês do PB. **XII Colóquio Nacional e V Colóquio Internacional do Museu Pedagógico**, p. 906-913, 2017.

Saint-Georges C, Chetouani M, Cassel R, Apicella F, Mahdhaoui A, Muratori F, Laznik MC, Cohen D.

MATSUOKA, A.; NAME, C. Propriedades prosódicas da fala dirigida à criança como pistas distintivas da posição do adjetivo dentro do DP. **Anais do VI Congresso Internacional da**

ABRALIN 2009, p.473-482, 2009.

NAME, C.; SOSA, J. M. Cadê o amor da mamãe? As interrogativas na Fala Dirigida à Criança adquirindo o PB. **Revista Veredas**, Juiz de Fora, V.24, n.1, p.72-93, 2020.

NELSON, K. Structure and strategy in learning to talk. **Monographs of the Society for Research in Child Development**, v.38, n. 1-2, s.149. Chicago, United States: University of Chicago Press, 1973.

NEWPORT, E. Motherese: the speech of mothers to young children. In: CASTELLAN, N. J.; PISONI, D. B.; POTTS, G. R. (Eds). **Cognitive theory**. Vol. 2. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Ass., 1977. p. 177-217.

PESSOA, L.; MOURA, M. L. Características pragmáticas da fala materna em díades mãe-bebê (aos cinco e vinte meses). **Arq. bras. psicol.** [online]. 2008, vol.60, n.1, pp. 82-95. ISSN 1809-5267.

PINE, J. The language of primary caregivers. In: GALLAWAY, C.; RICHARDS, B. J. (Orgs.). Input and interaction in language acquisition. Cambridge: **Cambridge University Press**, 1994. p. 15-37.

SAINT-GEORGES, C.; CHETOUANI, M.; CASSEL, R.; APICELLA, F.; MAHDHAOUI, A.; MURATORI, F.; LAZNIK, M.-C.; COHEN, D. Motherese in interaction: At the cross-road of emotion and cognition? (A systematic review). **PLoS One**, v. 8, n. 10, p. e78103, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0078103>.

SEARLE, J. R. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Oxford: **Cambridge University Press**, 1969. 226p.

SILVA, C. R.; SANTOS, J. C. L. Perguntas retóricas: entre a gramaticalização e a discursivização. **Veredas Revista de Estudos Linguísticos**, v. 19, n. 2, p. 248-268, 2015.